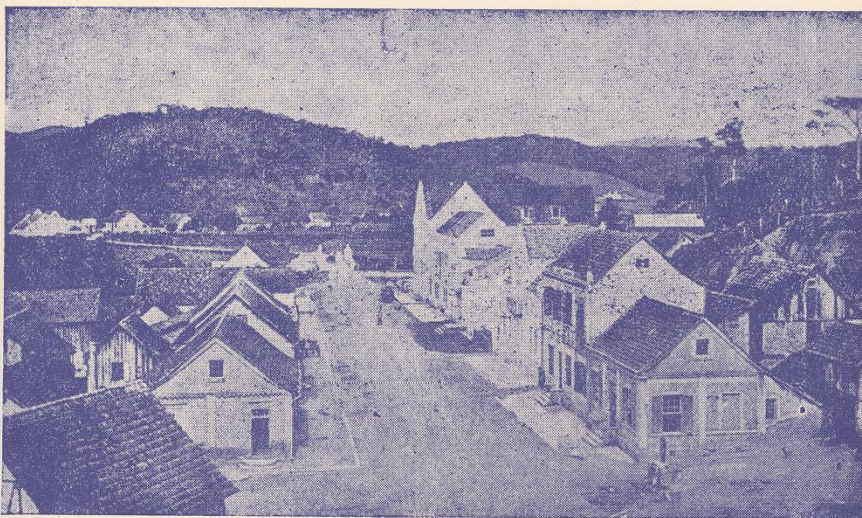


NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO II

No. 6

EDIÇÃO DA

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de Agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual nº 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal nº 73 de 9 de março de 1954

C. G. C. 82723 933/0001

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal, 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE — ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Publicado trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

DIREÇÃO: AYRES GEVAERD

Assinatura Anual: Cr\$ 20,00

Composta e impressa na Oficina da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

ANO II

ABRIL, MAIO E JUNHO DE 1978

Nº. 6

Sumário

	Página
DR. OSVALDO RODRIGUES CABRAL	34
DE BAUER A COLONO: A ADAPTAÇÃO DOS IMIGRANTES ALEMÃES AO MEIO BRASILEIRO	38
EFEITOS DA REVOLUÇÃO DE 1893 EM BRUSQUE	42
O PORTO FLUVIAL E A ESTRADA DE FERRO	45
"CHRONIK" DER CASA DE MISERICÓRDIA IN AZAMBUJA, DO PE. JOSÉ SUDRUP	48
DOCUMENTOS	56

CAPA — CONCEPÇÃO e gentileza de W. L. Rau Mostra o clichê a atual Rua Rui Barbosa por volta de 1905.

Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral

Foi por ocasião do 1º Congresso de História Catarinense, realizado em Florianópolis em outubro de 1948, que conheci pessoalmente Oswaldo Rodrigues Cabral. Anos depois, quando a Sociedade Amigos de Brusque deu início à coleta de material para ser escrita a história dos Brusquenses, foi ele convidado a realizá-la, possibilitando então aproximação mais íntima e objetiva.

Feita uma reunião preliminar em Brusque, a Sociedade Amigos de Brusque entregou-lhe minguadas notícias históricas; nada de documentos originais, simplesmente notas de jornais e um relato feito por ocasião do 50º aniversário da nossa veterana Sociedade de Atiradores. Fez sentir essa carência de elementos, mas, esperava encontrar em Florianópolis, nos arquivos das Secretarias do Governo, na Biblioteca Pública e no Departamento de Geografia e Cartografia, informações mais precisas e amplas. Não demorou, recebi a seguinte carta, que vale como um Prefácio da história de Brusque. As sugestões que deu relacionadas com as comemorações do centenário, foram quase todas aproveitadas.

“Florianópolis, 30 de agosto de 1957.

Prezado amigo Snr. Ayres Gevaerd.

Saudações atenciosas.

Recebi e agradeço a remessa do jornal contendo as “armas” da cidade de Brusque, bem como a notícia da minha estada nessa encantadora cidade.

Hoje quero dar-lhe algumas notícias relativas ao trabalho, pedindo queira comunicar aos seus confrades da Sociedade Amigos de Brusque.

Dei início ao trabalho e já estou com um capítulo concluído e outro por concluir. Graças a uma indicação do Dr. Victor Peluso, à coadjuvação do Sr. Carlos Buechele Jr. e seus auxiliares do Departamento de Geografia e Cartografia, pudemos encontrar a maior parte do que necessitávamos para um trabalho exato sobre os primeiros tempos da Colônia. Assim, estamos com todo o documentário dos anos de 1860 a 1867, exceto o ano de 1861 — que não foi encontrado, contendo cartas e Relatórios do próprio punho do Barão de Schneéburg, primeiro Diretor.

Há coisas interessantíssimas, inclusive a relação nominal de todas as 10 famílias da 1ª. turma de imigrantes, das 32 da 2ª. leva, com todos os membros da família, idades, profissão de cada um, religião, etc... Da mesma forma, dos da 3ª. e 4ª. levadas, que foram todos os colonos entrados no ano de 1860. Poderemos assim reconstruir o histórico de muitas famílias. Também encontrei no pacote de 1860

um mapa da divisão dos lotes. Assim, foi possível escrever o primeiro capítulo. O mapa, a cores, está sendo reproduzido no Departamento de Geografia.

O 2º. Capítulo, a biografia de Araujo Brusque e a sua atuação administrativa e política não só em Santa Catarina como fora, está sendo alinhavado — quase concluído. O Sr. Carlos da Costa Pereira, Diretor da Biblioteca Pública, tem-me auxiliado, realizando ali pesquisas nos jornais da época. — Projeto fazer um 3º. Capítulo sobre Brusque (colônia) sob o regime colonial, reconstituindo a sua vida até constituir-se em Município, valendo-me do que encontrar nos pacotes de documentos, Relatórios dos Diretores, Falas dos Presidentes, etc..

E, finalmente, um 4º. sobre a "era industrial" — isto é, Brusque Município, Comarca, Vila, Cidade, etc... O Dr. Victor Peluso, por mim convidado, aceitou fazer a parte econômica da vida brusquense. Seria interessante a Sociedade dirigir-lhe um ofício neste sentido. Ao Dr. Mário Dias da Cunha entreguei o ofício e ele está providenciando. Vamos ver se encontramos na Diretoria de Terras os pacotes posteriores a 1868 e os Relatórios dos Diretores da Colônia.

No momento estou examinando o masso relativo ao ano de 1862. Já encontrei coisas de interesse, inclusive a demissão de Guido, Secretário de Schneéburg, por ter chefiado uma reação contra o mesmo. E já encontrei dados para retificar muitos nomes que estão erra-



Da esquerda, sentados: Antonio T. Dias, Walter F. Piazza, Ayres Gevaerd, Oswaldo R. Cabral, Dom Afonso Niehues e Armando E. Polli. Na mesma ordem, em pé: Wilson Santos, Cyro Gevaerd, Ingo A. Renaux, Waldemar Schloesser, Bernardo Starck, Antonio Heil, Luiz Streckner e Euclides Visconti.

dos nos trabalhos anteriormente publicados. Como vê, a coisa prossegue...

Vou ter dificuldades é quanto à parte de datilografia do trabalho. Eu gosto de escrever a lápis — é um costume antigo — não sei pensar sobre a máquina. E tenho de entregar o trabalho a uma datilógrafa — e não estão cobrando barato, nesta Capital... Creio que teremos algumas despesas neste sentido.

Agora, permito-me fazer algumas sugestões.

Certamente a Comissão do Centenário projeta fazer em 1960 uma exposição comemorativa. Sugiro que se reserve uma parte para uma exposição histórica. Estou separando, dos pacotes, mapas, plantas, gravuras, tudo o que possa ser exposto. São documentos autênticos e valerá a pena expô-los na ocasião. Bastará, na oportunidade, obter o apoio do Governo do Estado para que o Departamento de Geografia organize os mostruários com o referido material. Além de possuírem muito gosto artístico, podem apresentar mapas, gráficos, etc.. de real valor.

Outro ponto: deve o amigo chefiar uma equipe de elementos interessados e obter o maior número possível de retratos de moradores antigos, velhos colonos, separados por famílias — pois muitos deles poderão ser dos primeiros.

Um terceiro ponto: conseguir para a exposição, por empréstimo, objetos antigos pertencentes aos moradores. Serão devolvidos, depois. Mas é bom iniciar desde já o seu **tombamento**, a sua relação.

Assim, terá a Comissão organizado uma parte histórica de alto valor. Quando eu voltar a Brusque, falaremos a respeito, lembre-me, por favor, para estudarmos os detalhes. Creio que lá para o fim do ano poderei passar outro sábado com os Amigos e cuidarmos destes pontos.

Estou aproveitando a chuva para escrever-lhe esta. Não posso fazê-lo com muita frequência, pois o tempo é escasso para quem como eu, chupa cana e assovia ao mesmo tempo. Tanto mais que "dei no filão". Estou entusiasmado com o que tenho encontrado e com a expectativa de encontrar mais. Assim, aproveito todas as oportunidades para examinar e tomar minhas notas.

O livro que projeto deverá conter clichês com vistas de Brusque, antigas, retratos, mapas. Os mapas eu já estou mandando reproduzir. Agora precisamos cuidar dos retratos. Será interessante conseguí-los e mandar reproduzi-los. Terá o amigo o retrato do Barão de Schneéburg? Foi um grande homem, sem dúvida, principalmente para Brusque!..

A idéia de um monumento — um obelisco — no ponto do desembarque dos colonos deve ser ventilada. E seria interessante fazê-lo de granito, dando-lhe uma forma moderna, condigna. No pedestal, sugiro, deve haver 4 lápides de bronze. Numa delas, os nomes dos primeiros ou dos mais destacados Diretores, com as datas do início e fim das respectivas administrações, além do do Presidente da Província.

cia que deu o seu nome à Colônia. Numa outra, os nomes das famílias primeiras. Noutra, a 1ª. planta da colônia que eu tenho, com os nomes de Vicente Só, Pedro José Werner e outros. E, finalmente, a 4ª. com os dizeres comemorativos do centenário e sua inauguração, etc. Acredito que a Prefeitura de Brusque pode concorrer com este monumento, que custará pouco mais de uma centena de contos. Seria bom, entretanto, entregar a confecção do projeto a um artista, para que seja um monumento condigno e à altura da bela e progressista cidade.

A meu ver, deve ser localizado no ponto do desembarque dos primeiros colonos, onde Pedro José Werner possuía seu engenho de farinha (e não de serra), e onde ficaram positivamente alojados.

Isto é apenas um lembrete, que o amigo, junto com os membros da Sociedade Amigos de Brusque, resolverão como acharem melhor.

Seria interessante que o livro fosse aberto com as armas de Brusque a cores. Não encarece — e desperta atenção.

Finalmente, já que eu estou na maré das sugestões, lembro a conveniência de mandarem imprimir cartazes coloridos, para serem afixados em todo o Estado, fazendo propaganda das festas centenárias. Devem ser projetados desde já, escolhidos os membros, uns 3 ou 4, pela Sociedade e tratada de sua impressão. Durante o ano de 1958, seria afixado o primeiro deles. No ano de 1959, um outro. E, finalmente, em 60, os 2 últimos. Isto atrai turistas, que deixam dinheiro na cidade. Uma ou 2 semanas de comemorações, culminantes com as oficiais do dia 4 de agosto, darão oportunidade aos turistas de visitar a cidade, a exposição, realizar as suas compras, etc. . .

Não esquecer as louças (souvenirs): cinzeiros, chécaras, pratos, vasos, com as armas de Brusque, com vistas da cidade, com retratos dos ilustres homens de Brusque — afinal, muitas coisas que podem ser objeto de venda aos visitantes, com lucro para a Comissão.

Uma lei municipal dará exclusividade à Comissão para mandar executar tais souvenirs (inclusive flâmulas) e esta distribuirá ao comércio local, garantindo para si uma comissão de tantos %, que cobrirão parte das despesas.

E por hoje chega.

Queira apresentar ao Sr. Willy e Exma. Esposa, bem como ao Revmo. Cônego Niehues (não sei escrevo certo.), ao amigo Dias, os meus cumprimentos mui amistosos.

E ao amigo envio um abraço mui cordial.

ass. Oswaldo Cabral"

No dia 9 de janeiro de 1958, Oswaldo R. Cabral, em companhia de Walter F. Piazza, em memorável reunião realizada na sede da Sociedade Amigos de Brusque, da qual destaco um flagrante, procedeu à entrega dos originais de "BRUSQUE — Subsídios para a história de uma Colônia nos tempos do Império".

Data daí uma amizade que se foi consolidando através dos anos e

que teve a coroá-la a Sociedade Amigos de Brusque e o Museu Histórico do Vale do Itajaí Mirim.

Sua casa esteve, e continua ainda, sempre aberta aos seus amigos brusquenses; visita obrigatória todas as vezes que se vai a Florianópolis. Nunca faltou nem faltará o cafésinho o uo refresco de picanha preparado por Dona Olívia .

Desejo destacar, nestas notas, uma faceta de sua dedicação à cultura histórica de Santa Catarina, o que caracteriza o valor de seus livros: a completa ausência de interesses pecuniários!

Momentos depois da entrega dos originais da história de Brusque, pedi-lhe a conta; sua resposta foi a seguinte: VALE A AMIZADE DOS BRUSQUENSES, NADA ME DEVEM.

Brusque manifestou sua gratidão dando-lhe o 1.º título de Cidadão Honorário Brusquense, entregue em solenidade especial realizada na Prefeitura Municipal, ao tempo do prefeito Dr. Carlos Moritz.

Cyro Gevaerd prestou-lhe outra homenagem, dando o nome de seu pai, "Ary Cabral", à biblioteca pública inaugurada com sua presença no dia 3 de agosto de 1963.

O produto da venda de seu livro, como de outros que viriam a seguir, permitiu o início da construção da "Casa de Brusque", guarda de nossa história, de nossas tradições e do trabalho de uma comunidade fundada há 118 anos.

Guarda também, com muito carinho, da fotografia de Oswaldo Rodrigues Cabral, 1.º cidadão honorário de Brusque, falecido em Florianópolis no dia 17 de fevereiro de 1978.

Ayres Gevaerd.

De Bauer a colono: a adaptação dos imigrantes alemães ao meio brasileiro

Giralda Seyferth

Os imigrantes alemães que chegaram ao vale do Itajaí mirim a partir de meados do século passado para, como colonos, povoarem esta região, precisaram se adaptar às novas condições impostas por um meio ambiente inteiramente diferente do seu país de origem. Estes imigrantes, na sua grande maioria, eram camponeses, o que significava que continuariam no Brasil a realizar o mesmo tipo de atividade que haviam exercido na Alemanha: o cultivo da terra. Não puderam, contudo, utilizar aqui os seus métodos tradicionais de cultivo, nem os cereais que habitualmente plantavam na sua terra natal, ou mes-

mo sua alimentação cotidiana, enfim, precisaram modificar profundamente o seu modo de vida. As circunstâncias que transformaram o camponês (Bauer) alemão em colono foram diversas, e muitas as dificuldades enfrentadas na sua adaptação a uma região despovoada, de clima sub-tropical e ainda coberta de floresta virgem. Pelo menos quatro aspectos devem ser apontados como os mais significativos:

1) os problemas gerados pela desorganização do sistema de colonização; 2) a adaptação aos novos métodos de cultivar a terra; 3) a adaptação a um novo tipo de alimentação e 4) os problemas provocados pelas doenças, algumas delas desconhecidas pelos imigrantes. Os relatórios dos diretores da antiga colônia Brusque — especialmente os do Barão von Scheéburg, prolixos e minuciosos — além de alguns depoimentos prestados por velhos colonos, são as melhores fontes de informação acerca do assunto aqui abordado.

O primeiro aspecto está diretamente ligado à administração da colônia: Brusque era uma colônia oficial, portanto subordinada ao governo provincial de Santa Catarina. Os problemas mais sérios que os imigrantes recém-estabelecidos enfrentaram, dependiam de soluções que não podiam ser dadas pela administração local e cuja responsabilidade cabia a uma política de colonização improvisada e com falta de verbas crônica. Sob este prisma, os sucessivos relatórios dos diretores são significativos — especialmente nas partes em que solicitam providências para solucionar as dificuldades. Eis algumas delas, enfrentadas em conjunto pelos imigrantes e a administração:

A demarcação dos lotes não havia sido realizada adequadamente e com antecedência. Muitos imigrantes tiveram de esperar pelas suas terras durante muitos meses no galpão a eles destinado na sede da colônia. O Relatório de 1864, por exemplo, assinala as dificuldades na demarcação dos lotes e linhas coloniais dentro da floresta — pela segunda vez — já que os marcos deixados pelo agrimensor na primeira medição não foram mais encontrados. Isto, pelo menos, sugere a existência de mais de uma demarcação de terras, possivelmente motivada pela desorganização do serviço. Ainda neste mesmo relatório, o diretor reclama do transporte dos pertences dos imigrantes até suas terras: como a administração não tinha animais de carga suficientes, os novos colonos ficavam muito tempo esperando ou dependiam de aproveitadores que alugavam animais a preços exorbitantes.

Outros problemas, que parecem ter sido crônicos, são constantemente assinalados: a falta de recursos para abertura e conservação de picadas, pontes e caminhos coloniais, para a instalação de escolas, de uma farmácia, de capelas, para pagamento de professores, médicos e auxiliares da administração. Além disso, os subsídios para pagar os colonos até que pudessem viver apenas do seu trabalho agrícola eram insuficientes, a remuneração pelos serviços públicos prestados pelos colonos era precária e não havia recursos para fazer frente aos estragos causados pelas constantes enchentes do rio Itajal-mirim.

E, entre outras reivindicações menores, tanto os relatórios como um abaixo-assinado (contendo 182 assinaturas de colonos), pedem uma comunicação por terra com a vila de Itajaí. Temos aí a dimensão exata das provações que os camponeses alemães vieram enfrentar durante os primeiros anos de colonização. Sem recursos, obrigados a esperar meses por um pedaço de terra que afinal iam pagar, recebendo péssima remuneração pelo duro trabalho de abrir caminhos na floresta, sem médico ou hospital, e dependendo de uma farmácia precária para fazer frente a doenças desconhecidas — o primeiro contato com o meio brasileiro não foi muito favorável. Eles foram se transformando em colonos da maneira mais dura .

Se, por um lado, a burocracia governamental e a falta de verbas para a colonização constituíam um problema grave, por outro lado, a organização do trabalho agrícola sob novas bases foi o teste mais difícil e também o mais problemático, uma vez que os imigrantes alemães adotaram uma técnica de cultivo das mais predatórias que existem: a coivara (ou derrubada-queimada), comum no meio rural brasileiro que, com propriedade, foi chamada pelos alemães de **Raubbau** (agricultura de rapina). A adequação a este método de cultivar a terra foi provavelmente inevitável em face da floresta. O insucesso do cultivo de cereais europeus (como cevada, trigo, centeio e aveia), por sua vez, determinou a utilização de plantas nativas como o aipim, a batata-doce, a cana de açúcar, etc. Os relatórios do Barão von Schneéburg são elucidativos a este respeito: na colônia Brusque existiam poucos cavalos e não havia arados; as sementes de trigo, cânhamo e centeio apodreciam no solo ou eram destruídas pelos pássaros e insetos; a queima do mato para preparar a terra para o plantio tornou-se necessária e a enxada e o machado passaram a ser os principais utensílios agrícolas (quando na Alemanha se utilizavam mais do arado de tração animal). O trabalho agrícola foi árduo e pouco compensador nesse início de colonização, pois além das dificuldades de adaptação às novas condições surgiram outros problemas não menos grave. Von Schneéburg faz constantes referências às enchentes (solicitando providências das autoridades no sentido de liberação de verbas para limpar e retificar ribeirões a fim de diminuir o transbordamento), às geadas, a pragas de ratos que passam os rios e ribeirões transmigrando do sul para o norte, aos insetos, especialmente as lagartas, a nuvens de pássaros pretos, etc. — tudo contribuindo para destruir as plantações. Resumindo, o **habitat** sub-tropical não permitiu o cultivo da terra nos moldes conhecidos pelos alemães no seu país de origem. Houve não só o fracasso com as plantações de cereais e da batata conhecida com "inglesa", como também a floresta densa e a técnica da coivara impediam a utilização racional do arado. Pode ser acrescentada, ainda, a dificuldade adicional de obter animais de tração — poucos e trazidos de Lages por preços excessivamente altos.

A parte os problemas mais sérios ligados à agricultura, deve

ser feita referência a dois fatores importantes: o isolamento do imigrante, que forçou a adoção da policultura, e a sua instalação no lote adquirido, que implicava na construção de um abrigo para sua família. As primeiras casas foram construídas pelos próprios colonos e consistiam de ranchos rudimentares, feitos com tronco de palmito e cobertos com palhas, cujo tamanho era mínimo: cerca de 4m x 6m. Só muito depois é que tinham condição de melhorar a moradia: a casa definitiva em geral era construída de madeira falquejada e telhas. A falta de estradas e meios de comunicação, por sua vez, impedia o cultivo exclusivo de plantas comerciais (como o fumo e a cana de açúcar), e a subsistência, nesse meio hostil e isolado, obrigou os colonos a plantar de tudo um pouco e a manter um número mínimo de animais domésticos (porcos, vacas, etc.) — e o trabalho, agrícola ou não, era realizado por todos, adultos e crianças. Assim como a coivara, a policultura foi inevitável e condição absoluta para a sobrevivência nas linhas coloniais.

Isto nos leva a um outro ponto crucial da adaptação dos alemães: a mudança dos hábitos alimentares. Habitados, na Alemanha, a uma dieta baseada na batata inglesa, pão de centeio, leite e derivados, nos primeiros meses após sua chegada a Brusque, tinham para comer apenas carne seca, toicinho, farinha de mandioca e feijão. Uma vez estabelecidos nas suas propriedades, passaram a depender de três produtos básicos nelas produzidos: o fubá (derivado do milho), o aipim e o açúcar de cana. Assim, o milho substituiu o trigo e o centeio na dieta do colono, pois o fubá passou a ser usado para fazer o pão (e mais tarde a polenta, introduzida pelos italianos). O aipim substituiu a batata inglesa, e o açúcar de cana substituiu o de beterraba. Porcos e galinhas forneciam a base de proteínas e a horticultura também ajudou, desde o início, a complementar a dieta com verduras e legumes, assim como as frutas regionais forneceram a matéria prima para o *Mus*. Esta dieta na nova terra era em tudo diferente da que estavam habituados na Alemanha.

A mudança de hábitos alimentares foi radical, especialmente naqueles primeiros meses vividos à base de farinha e feijão, e causou muitos problemas de saúde entre os colonos. O relatório de 1862, por exemplo, faz referência à alta frequência de "fortes e renitentes desintérias", atribuindo-as ao novo regime alimentar, e que teriam causado muitas mortes, especialmente entre as crianças. Além das desintérias, o Barão von Schneéburg chama a atenção das autoridades provinciais para a grande incidência de doenças entre os colonos, especialmente inflamações dos olhos, infecções, feridas nas pernas do joelho para baixo e febre (possivelmente malária), sempre pedindo verbas para manter um médico residente. As dificuldades para o pagamento de salários fez com que os dois médicos que trabalharam em Brusque nesses primeiros tempos (os drs. Linger e Rufener) fossem embora. Outras doenças — a maioria delas desconhecidas dos imigrantes — também tinham grande incidência, não só em Brusque co-

mo em outras regiões de colonização: a insolação, a opilação ou amarelão (chamada de **Bleichsucht**), o "rothe Hund", piolhos, o **Panzerwurm** ou bicho-berne (estas três últimas pragas menores e de fácil tratamento), a malária, etc. O Barão von Schneéburg, sempre preocupado com o bem-estar dos colonos, pede até a construção de um hospital, justificando o pedido a partir da alta frequência de doenças graves, especialmente as provocadas por acidentes. Hospital só havia em Desterro (Florianópolis), tornando penoso o deslocamento dos doentes graves. A demora excessiva da viagem (pelo menos 1 semana), além dos gastos muito grandes, causava, quase sempre, a morte dos enfermos. Ferimentos graves, fraturas de ossos, partos perigosos, entre outras coisas, tornavam difícil transportar os doentes a tempo. Havia, também, grande relutância dos colonos em deixar suas famílias para irem fazer tratamento em Desterro. Imigrantes, recém-chegados, enfrentando inúmeros problemas de adaptação a uma terra estranha, hostilizados, às vezes, pelos nacionais, preferiam formar um grupo de vários doentes para juntos irem até Desterro fazer seu tratamento. Muitos desses doentes não conseguiam resistir à espera e à viagem. Todos estes fatos são apresentados pelo Barão como justificativas para atender seus pedidos de médico e hospital para Brusque.

Estes são apenas alguns dos aspectos mais dramáticos do início da colonização de Brusque, testemunhados nos relatórios que mencionamos. Para a maioria dos imigrantes, a prática se encarregou de destruir a imagem da romântica *Schlaraffenleben* descrita na propaganda oficial. A adaptação foi difícil e a colonização só teve êxito graças ao trabalho árduo e desgastante dos colonos e não exclusivamente por causa da natureza exuberante e da boa qualidade das terras.

Efeitos da Revolução de 1893 em Brusque

CONTRATO DA "PASSAGEM NORTE" DO RIO ITAJAI MIRIM

Ayres Gevaerd

Os trágicos dias da revolução de 1893 em nosso Estado, não atingiram, felizmente, a antiga vila de São Luiz de Gonzaga. Um e outro fato foi registrado, como por exemplo, a visita de Gumerindo Saraiva, recebido pelas autoridades, a passagem de grupos de soldados das duas facções em luta que acampavam por poucos dias, o susto

de nossas autoridades e personalidades, em face de boatos, na maior parte sem fundamento.

Há tempos relatei o que ocorreu com meu avô, Carlos Luiz Gevaerd, no dia do aniversário natalício de minha avó, Maria Luíza. A família, reunida justamente na hora do almoço para a comemoração, recebe, surpresa, por um mensageiro, a notícia da imediata prisão de Carlos Luiz Gevaerd. A família, às pressas, reúne roupas e víveres, e a pé mesmo, dirige-se à Fazenda Hoffmann, em casa de Nicolau Werner, por uns dias.

— • —

Meu amigo Padre Anselmo, certa ocasião, pediu-me para contar o fato que se segue, e é por sua conta que fica a frase em alemão, intraduzível, creio!...

Adriano Schaefer, exercia, em 1893, o cargo de chefe de polícia na então Vila. Certa madrugada foi despertado por um amigo, cujo nome não foi possível anotar, o qual, com outras pessoas, necessitava autorização para ir a Itajaí, naquela mesma hora, por razões importantes e inadiáveis. Soube-se mais tarde que os motivos tinham sido políticos, em face dos dias incertos e dos constantes boatos, às vezes alarmantes, que então circulavam. A autoridade prontamente aquiesceu, mas havia o problema da "passagem", situada no mesmo lugar onde hoje se encontra a ponte, aos cuidados de August Pieper, homem de reconhecida probidade, mas de natureza truculenta. Adriano Schaefer, prevendo dificuldades em vista da hora e do temperamento do encarregado da balsa, acompanhou as pessoas que o procuravam, até o local.

August Pieper residia no lado oposto e a balsa, naturalmente, se encontrava na mesma margem do rio, imediações da residência.

O nosso delegado necessitou chamar em voz alta, várias vezes, até que o responsável apareceu, em uma das janelas, resmungando, inquirindo a identidade da pessoa que o acordara. Dando as explicações que achou cabíveis no momento, Adriano Schaefer pediu a August Pieper que efetuasse a passagem de seus amigos, pela balsa. Pieper retrucou que absolutamente não atendia em vista do adiantado da hora: que esperassem até o amanhecer.

O delegado vendo que sua argumentação amigável de nada adiantava, apelou para suas condições de autoridade e gritou, solene: "August Pieper, em nome da Lei, exijo que dê passagem a esses cidadãos"! E a resposta veio em seguida, no mesmo tom, porém, em alemão:

"Im Nahmen des Gesetzes, kannst mir am Asch lecken"!, e fechou, violentamente, a janela.

Nota: O artigo acima foi publicado na revista "Blumenau em Cadernos" e no jornal "O Município", em 1971/2. Transcrevo-o para

corrigir o nome do encarregado da "passagem norte", havia mencionado Franz, em lugar de August.

Do "Livro de contratos com a Superintendencia Municipal de Brusque" transcrevo o contrato firmado entre August Pieper e a Superintendência, respeitando a ortografia original.

**TERMO DE CONTRACTO QUE FAZ AUGUSTO PIEPER,
COM A MUNICIPALIDADE**

Aos dois dias do mez de junho de mil novecentos e trez nesta Villa de Brusque, Estado de Santa Catarina, na secretaria da Superintendencia Municipal, pelas dez horas da manhã, presente o cidadão Guilherme Kormann, 3º substituto do Superintendente municipal em exercicio, commigo secretario de seu cargo abaixo nomeado, foi pelo cidadão superintendente ordenado ao Porteiro Antonio Schwartz, que possesse em pregões a arrematação da passagem do Norte desta Villa, pelo tempo de um ano sob a base de 200\$000 (duzentos mil réis), o que fazendo este, e voltando, deu sua Fé de ter sido oferecido a mesma quantia pelo cidadão Augusto Pieper, a quem o mesmo cidadão Superintendente fez entrega da supra mencionada passagem, pelo tempo de um anno, a contar do 1º dia do mez de julho proximo a 30 de junho do anno proximo de 1904, sob as seguintes condições:

Primeira

O contratante dará passagem gratis aos empregados públicos, Superintendente, Conselheiros Municipais, Guardas policiaes e municipais quando em serviço, ou dias de sessão do Conselho, aos meninos que frequentarem as escolas de ambos os sexos.

Segunda

O preço das passagens será o estabelecido na tabela constante no contrato de 1893.

Terceira

O contratante só poderá cobrar dos carros e carroças que venhão de Itajahy, depois das 9 horas da noite, nova passagem e os mais depois dessa hora pagarão o duplo do que está estabelecido na tabella, passando das 9 horas, até as 4 horas da manhã.

Quarta

O contratante é responsável por qualquer damno que ocorrer na passagem, em carros, carroças, animais ou cargos, provado que a passagem de causas por falta de cuidados, será obrigado a indenizar os prejuizos.

Quinta

O contratante fica obrigado à multa de 50\$000 por cada falta que cometter e ao duplo na reincidencia por si ou por seu fiador.

Sexta

O contratante obriga-se a pagar a Municipalidade a quantia

de 200\$000 (Duzentos mil réis), em quatro prestações iguais e trimestrais a contar do dia 1º. do mez de Junho do anno proximo de 1904.

E para constar mandou o cidadão superintendente lavrar este termo depois de pagos os respectivos impostos conforme o conhecimento junto, o qual vai assignado pelo Superintendente, contratante, fiador, porteiro, comigo Henrique Luiz de Cordova, secretario que o escrevi e assigno, sendo fiador o cidadão Rudolpho Krieger, negociante estabelecido nesta Villa. O Secretario que o escrevi e assigno Henrique Luiz de Cordova, Guilherme Kormann, Augusto Pieper, Rudolpho Krieger, Antonio Schwartz.

O PORTO FLUVIAL E A ESTRADA DE FERRO

Ayres Gevaerd

Muitos brusquenses devem lembrar-se ainda da estrada de ferro de tração animal ligando o porto fluvial da "passagem Sul" à Pomerânia, fábrica de tecidos de Carlos Renaux; das lanchas e das balsas de madeira.

Com a chegada dos primeiros caminhões de carga, na década de 1920, e melhoria da estrada para Itajaí, foram desaparecendo, aos poucos, as lanchas que faziam o percurso pelo rio, transportando gêneros, mercadorias manufaturadas, máquinas, e pessoas. O mesmo



Brasão, Ste. Catharina.

ocorreu com as balsas feitas de táboas, oriundas do Ribeirão do Ouro e Porto Franco.

A "passagem sul" foi substituída pela ponte de ferro "Vidal Ramos", inaugurada em 1905.

Desnecessário descrever a utilidade da linha férrea, com a transcrição do contrato firmado entre Carlos Renaux e a Superintendência Municipal. A inclusão, nesta nota, de uma fotografia feita antes de 1905, mostra o local, os trilhos, duas vagonetes movidas a pedal, o rancho para depósito de utensílios do porto, e mercadorias; ao fundo, a Igreja Evangélica.

Os vagões transportavam mercadorias, máquinas, funcionários e operários da então recém instalada fábrica de tecidos Renaux.

A estrada que liga a vila à Pomerânia e Nova Trento foi se transformando lentamente em rua, hoje uma das mais bonitas da cidade, mostrando em toda sua extensão a vitalidade da vida brusquense, notadamente a operária.

TERMO de contracto que assigna Carlos Renaux obrigando-se ao cumprimento das clausulas mediante as quaes obteve licença para utilizar-se da estrada geral que desta Villa vai a Nova Trento, para assentamento dos trilhos de uma linha ferrea, como abaixo se declara:

Aos vinte dias do mez de Setembro do anno de mil novecentos, nesta Villa de Brusque, do Estado de Santa Catarina, presente na Secretaria da Superintendencia Municipal, o respectivo Superintendente Nicolau Gracher, ahi compareceu o cidadão Carlos Renaux, industrial, residente nesta Villa, e declarou que tendo, de conformidade com a Lei n.º 6 de 6 de julho do corrente anno, obtido licença para construir uma linha ferrea de bitola estreita de tração animal, que, partindo da passagem Sul do rio Itajahy-Mirim, vai terminar no logar denominado "Pomerânia" onde se acha a fabrica de tecidos de sua propriedade, na extensão de trez kilometros pouco mais ou menos, utilizando-se da estrada geral existente para assentamento dos trilhos, obrigando-se por si e seus sucessores ao cumprimento das clausulas seguintes:

Primeira

Não interromper o transito publico durante a construção da linha, cujos trilhos serão assentados no lado esquerdo da estrada, a começar da passagem sul do rio Itajahy-Mirim, até a referida fabrica, devendo ficar o resto da estrada destinada ao tranzito publico, com a largura de quatro metros no mínimo, para o que fará a sua custa os serviços necessarios, como aterros, escavações, etc.

Segunda

Compromete-se em trazer em perfeito estado de conservação sem nenhum dispendio aos cofres municipais, toda estrada destinada ao transito publico desde a passagem do Sul até a fabrica supra

mencionada. (Revogada a clausula "segunda" pela Resolução exarada às folhas 31 do Livro de actas de 14 de maio de 1903).

Terceira

Os trilhos que ficam fronteiros às entradas das casas dos moradores que marginam a linha, bem com os que ficarem em frente de porteiras que derem entrada para os terrenos ocupados por lavouras, serão assentados de modo que não embaracem a facil passagem das carroças que tem de atravessar a linha para o que fará as obras necessarias a juizo do superintendente todas as vezes que forem ellas reclamadas e o Superintendente determinar.

Quarta

Obriga-se a facultar a linha, gratuitamente à Municipalidade quando dela precisar para transporte de materiais para obras públicas e bem assim fornecer as rodas para os carros de transporte dos mesmos materiais.

Quinta

O Superintendente nomeará um fiscal dentre os empregados municipais para examinar o serviço durante a sua construção o qual fiscal levará ao conhecimento do Superintendente qualquer falta de cumprimento de algumas das clausulas aqui expressas afim do mesmo Superintendente tomar as providencias que no caso couberem.

Sexta

Pela inobservancia de qualquer das clausulas mencionadas fica sugeita a multa de 100\$000 a 200\$000 e obrigado a refazer qualquer serviço feito em desacordo com as clausulas estipuladas e a dar inteira execução ás intimações que de ordem do superintendente lhe forem feitas no tocante ao cumprimento dos serviços a que fica obrigado, e quando estes não forem executados no prazo determinado, o superintendente os mandará fazer e haverá a importancia que for despendida com elles, pelos meios que a Lei faculta.

Setima

Declarou afinal que aceita as clausulas mencionadas e se responsabiliza a bem cumpril-as, renunciando para isso a todos os cazos fortuitos cogitados ou não, sem d'elles se poder valer para qualquer effeito que seja, mandando o cidadão Superintendente Nicolau Gracher lavrar o presente Termo que assigna juntamente com o contratante Carlos Renaux. Eu, Henrique Luiz de Cordova, secretario da Superintendencia que o escrevi.

Nicolau Gracher, Carlos Renaux e Henrique Luiz de Cordova.

Em tempo: O contratante ficará obrigado a conservação da estrada da passagem até a sua fabrica de tecidos, depois que a dita estrada se achar em perfeito estado e o mesmo assignar o competente termo de recebimento .

Nicolau Gracher, Carlos Renaux e Henrique Luiz de Cordova.

(Do Livro para contractos com a Superintendencia Municipal da Villa de Brusque. N.º 2).

“Chronik“ der Casa de Misericórdia in Azambuja, do Pe. José Sundrup

No último número desta revista (n.º 4, 1977), dávamos um ligeiro histórico do Hospital Arquidiocesano “Cônsul Carlos Renaux”, iniciado em 1902 com o nome de “Santa Casa de Misericórdia de Azambuja”, a primeira instituição de saúde de Brusque.

Hoje publicamos na íntegra a já citada “Chronik”, escrita pelo Pe. José Sundrup, coadjutor da Paróquia de Brusque, e grande entusiasta da obra. Seu estilo simples atesta a simplicidade com que nascem as grandes coisas, fruto muito mais da fé do que do engenho humano.

Apresentamos a revisão de uma antiga tradução existente: o original é em alemão. Encontra-se este no Arquivo Histórico “Dom Jaime de Barros Câmara”, do Seminário de Azambuja.

Pe. José Artulino Besen

DIGNARE ME LAUDARE TE, VIRGO SACRATA!

LECTORI SALUTEM!

I — Solenidade de abertura

Na tarde da festa dos Príncipes dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, em 29 de junho de 1902, sendo o Pe. Antônio Eising Vigário, Pe. José Sundrup Coadjutor, José Hoening professor da Escola Paroquial e João Bauer Superintendente da Freguesia de Brusque, em presença de muito povo, três Irmãs da Divina Providência, Godeharda, Bárnaba e Friedburga, precedidas pelo Pe. Vicente Wienken, Diretor, foram introduzidas processionalmente na Igreja, na sua morada e, com isso, na sua esfera de atividade; foram saudadas na Igreja pelo Revmo. Pe. Vigário, Pe. Eising, e na sua casa pelo Juiz de Direito, Dr. Thiago da Fonseca.

O povo testemunhava seu apoio pela abertura da nova Casa de Misericórdia oferecendo dádivas para sua manutenção, enquanto que para cuidar das necessidades religiosas, o clero se obrigou a rezar uma santa Missa na Igreja de Azambuja, a cada domingo e dia santo de guarda e, fora disso, três vezes por semana, enquanto isso fosse possível. Foi recomendado e muito aconselhado para o futuro, o que, aliás, já havia sido praticado desde o início, a celebração duma

santa Missa cantada, em honra do Sagrado Coração de Jesus, pelos benfeitores da Casa de Misericórdia de Azambuja.

Omnia cum Deo! Nihil sine eo!

II — Condições de Direito

Terreno e chão, junto com as duas moradias e edificios anexos, foram adquiridos e pagos em moeda líquida nos anos de 1900 e 1901, pelo Vigário da Paróquia, Pe. Antônio Eising, aos senhores Jacob Knihs e Pietro Colzani, possuidores dos títulos válidos por direito.

Em 7 de agosto de 1902 o acima citado Pe. Eising, por ato notário, doou, ou então, vendeu "pro forma", toda a propriedade à Capelania de Azambuja, representada pelo atual Pároco de Brusque ou seu substituto. Não houve auxílio por parte do Estado, também não foram pedidas esmolas na Freguesia de Brusque, para a citada compra. Todo este estabelecimento, inclusive o terreno anexo, bem como as duas capelas, são propriedade legítima, livre e irrestrita, da Comunidade Eclesiástica de Azambuja, patrimonium beatae Mariae Virginis de Caravaggio.

III — Finalidade do Estabelecimento

Devido às muitas graças extraordinárias alcançadas em Azambuja desde a ereção da primeira Capela em 1885, o povo se achegava cada vez mais numeroso, trazendo ricas ofertas. Para a festa principal, em 26 de maio, vêm anualmente incalculável número de peregrinos, na sua maioria de origem brasileira, oferecendo à Nossa Senhora seu tributo de veneração e também seu óbulo material de maneira que neste dia entraram, em dinheiro, 2 contos de réis. Fora disso a soma de esmolas depositadas na respectiva caixa importava, anualmente, em Cr\$... (?)

Para bem aproveitar todas estas dádivas não somente para o embelezamento exterior da Capela e da festa (como em Iguape) mas, pelo contrário, para progredir na verdadeira devoção a Nossa Senhora, para dar, através da prática desinteressada das obras de misericórdia e da vida religiosa, melhor exemplo ao povo ambicioso e farrista, talvez até despertar vocações religiosas entre a mocidade, fundou-se esta Casa. Para nela trabalhar foram chamadas as Irmãs da Divina Providência, que atualmente trabalham, com ricas benções celestes, no Hospital e Convento de Florianópolis, em Tubarão, Braço do Norte, Blumenau e Lages. Qualquer obra de misericórdia, corporal ou espiritual, será praticada nesta Casa de Misericórdia. Como desenvolver estes fins e dar-lhes um cunho especial, no futuro, ainda não está bem determinada neste momento de abertura.

IV — Desenvolvimento da Instituição

Três meses mais tarde

Hoje, festa de São Miguel (29.9.1902), curto retrospecto mostra que a Instituição vencerá as dificuldades que se lhe opõem. A Casa está lotada a tal ponto que urge ser aumentada. Temos 18 pessoas em tratamento, na maior parte idosos, abandonados, cegos ou can-

cerosos. O sustento vem por si já que os colonos trazem os mantimentos. Alguma coisa, porém, se deve ainda comprar. O mais dispendioso é a aquisição necessária de roupas, cobertores, etc., bem como a compra de tijolos, madeira, etc., para a nova construção.

Um pintor, Isidoro Radici, achando-se em viagem de negócios e estando doentio e pobre, encarregou-se, em 21 de setembro, da pintura das duas capelas, até hoje apenas caiadas. A preocupação com estas despesas e outras, como a aquisição de duas imagens, presépio, harmônio, motivaram-nos a escrever duas cartas para a Alemanha, pedindo auxílio.

Quod Deus bene vertat!

NATAL DE 1902

Também em Azambuja o Menino Jesus alegrou muitos corações. Na Igreja houve Missa, cedo, depois Missa cantada e Devção, à tarde. As Irmãs instalaram, na Casa, com meios próprios, um pequeno presépio e árvore de Natal. Uma festinha e presentinhos proporcionaram aos pobrezinhos doentes horas de íntima satisfação até então por eles desconhecidas. Esperamos que para o próximo ano a Alemanha nos envie, de presente, um presépio melhor.

A casa nova está quase pronta. Neste dias as Irmãs mudaram-se para a nova residência. Falta terminar o salão que servirá de sala de aula. Mas, donde virá o professor e a professora? José Hoenig, professor de nossa Escola Paroquial, entrou para a redação do Jornal alemão do Povo, em Porto Alegre.

Deus providebit!

2 DE JANEIRO DE 1903

Hoje deu-se o segundo caso de morte no Hospital de Azambuja. Faleceu, inesperada e rapidamente, vitimado pelo câncer, João Foppa, tendo na mesma manhã recebido os santos sacramentos, por ser primeira sexta-feira do mês. Sofrera silenciosamente, sem queixas. Quando lhe perguntavam pelo estado de saúde, respondia sempre, apesar dos muitos sofrimentos: Benone! Benone! Costumava passar boa parte do dia na Igreja, a rezar. Que descanse em paz!

2 DE FEVEREIRO DE 1903

Há dias foi-nos confiada, para tratamento, uma mocinha típtica, protestante. Faleceu hoje, pela tardinha, antes que os parentes pudessem chamar o Pastor, por ela desejado. Não lhe seria negado a entrada no Estabelecimento, embora nenhum de nós pudesse tomar parte ativa no culto. Enterro no cemitério protestante.

15 DE MARÇO DE 1903

No início do ano já tínhamos recebido algumas crianças, nesta Casa, a fim de prepará-las para a primeira Santa Comunhão. Até agora moram 11 crianças conosco; além destas, umas 30-40 frequentam as aulas de catecismo, ministradas três ou quatro vezes por semana. Chegou hoje, para a direção da Escola, a Irmã Clemência. É a quinta Irmã.

19 DE MARÇO DE 1903

Hoje, festa de São José, festejamos, também externamente, o jubileu do Santo Padre (Leão XIII). Compareceu muito povo. Houve uma intriga por causa de um rapaz brasileiro que, durante o Tantum Ergo, perto da porta da Igreja, encostado numa árvore, estorvava os circunstantes com seu falar, etc. Quando um italiano o repreendeu e lhe queria tirar o chapéu da cabeça, os policiais presentes prenderam não o perturbador e sim, o italiano. Porém foi logo posto em liberdade pelo Dr. Juiz de Direito.

3 DE ABRIL DE 1903

Achava-se no Hospital, desde o dia 18 de setembro, uma senhora abandonada, viúva Krieger, de 70 anos de idade. Sendo protestante, há tempo manifestara o desejo de ficar católica. Embora diversas vezes lhe fosse dito que podia ficar aqui até o fim da vida, mesmo sendo protestante, não deixava de pedir para ser católica. Hoje, finalmente, ingressou no seio da verdadeira Igreja de Cristo.

15 DE MAIO DE 1903

Neste mês, como em todos os anos, houve, a cada noite, "Devotção de Maio". Foram colocados, aos pés da Virgem, mais esmolas que de costume. Trabalhou-se intensivamente, e grátis, para o embelezamento da praça da Igreja. Principalmente fez-se um dique, para depois construir um caminho que unisse, em linha reta, a saída da Igreja com o cemitério a ser construído, e também com as pastagens. Deste modo a capela ficou mais acessível e diminuiu muito a umidade. Igualmente criou-se um curto, mas bem cômodo caminho, para as procissões. Merece ser salientado o zelo de muitos colonos alemães, principalmente da Rua São Pedro, que se ofereciam como voluntários para transportar o barro. Só neste mencionado caminho há . . . (?) carradas de barro.

Mostra-se favorável e até entusiástica a disposição do povo em geral a respeito de nossa instituição, diversamente das dúvidas iniciais quanto à manutenção e justificadas desde que consideradas com olhos puramente humanos. Azambuja torna-se mais e mais conhecida longe daqui, a cada dia ocorrendo novos peregrinos para venerar a Santíssima Virgem.

21 DE MAIO DE 1903

Ascensão de Nosso Senhor. Na Igreja Matriz de Brusque 105 crianças fizeram solenemente a sua Primeira Santa Comunhão, das quais 30 foram preparadas em Azambuja, recebendo a doutrina três vezes por semana.

Também as crianças mais pobres ganharam um vestuário digno para este dia, alguns doados e outros, emprestados. Em virtude dos muitos trabalhos em preparação da festa de nossa Padroeira as crianças foram despedidas no mesmo dia.

26 DE MAIO DE 1903

A Festa de Azambuja foi favorecida por um tempo esplêndido e,

por isso, foi muito frequentada. Já quatro dias antes iam chegando os peregrinos. Dois dias antes todos os lugares da hospedagem estavam tomados, inclusive os dormitórios das crianças. Tinha-se desocupado a Escola para abrigar os poloneses de Pinheiral. Geralmente não se exigia pagamento para a hospedagem e a refeição, pedindo-se somente uma esmola para o Estabelecimento. Infelizmente muitos forasteiros não obtiveram abrigo naquela noite fria antes da Festa, sendo obrigados a passar a noite nos caminhos, na Praça da Igreja e nos paióis, reunindo-se ao redor de uma fogueira, passando a noite a cantar e a contar.

Desordens e desavenças, porém, não houve. Infelizmente poucos peregrinos recebiam os Santos Sacramentos, embora se fizesse tudo para que isto acontecesse: no domingo e na segunda-feira, das 14,00 às 20,00 horas, houve reza, doutrina, canto e prática, alternando-se tudo nas diversas línguas. Os luso-brasileiros vindos de fora comungaram mais ou menos uns 20-30. Já os poloneses, todos queriam se confessar. Na Festa propriamente dita, antes da Missa cantada das 10,00 horas, saiu, como de costume, a procissão. Neste ano foi pelo caminho novo, de modo que o povo podia facilmente nela entrar, vindo de Brusque. Muitos voltaram para casa, depois da Missa, enquanto outros já tinham saído durante o sermão. Entrou, de esmola, 1 conto e 500 mil réis.

Com esta soma podiam-se pagar todas as dívidas menores, restando ainda: 1 conto de réis para Jacob Knih, 400.000 réis de empréstimo, 600.000 réis nos Bauer e Kraemer.

JUNHO DE 1903

Mês do Sagrado Coração de Jesus. Assim como a excelsa Mãe de Deus cuidou visivelmente de Azambuja durante o mês de maio, assim em junho o Sagrado Coração de Jesus, que prometeu derramar suas bênçãos sobre aqueles que o veneram, há de fazer progredir e abençoar Azambuja, onde, até agora, na primeira sexta-feira de cada mês, foi celebrada uma Missa cantada em honra do Sagrado Coração de Jesus.

Nos primeiros dias deste mês chegou a boa notícia de que seria cedida uma Irmã Professora para a Fundação de uma Escola Paroquial para meninos, em Brusque. Outra carta anunciou a chegada de vários objetos valiosos como imagens, paramentos, etc., tudo presente para Azambuja. No dia 9 fomos surpreendidos com a comunicação de que a professora pública daqui, Dona Luiza Müller, queria aposentar-se brevemente, por motivo de saúde. Com isso tornou-se ainda mais necessária a abertura da Escola Paroquial, mas igualmente mais dificultosa. Finalmente, no dia 17, chegou a Florianópolis, proveniente da Alemanha, a Irmã Oda, com mais outras Irmãs. Devíamos pagar, na alfândega, 1.800 réis pelos 17 caixões que trouxeram.

SETEMBRO DE 1903

A Escola Paroquial.

Funciona, aqui, na Praça, há muitos anos, uma boa Escola Paroquial para meninos, possuindo diversos professores, geralmente muito competentes. Assim, por exemplo, de 1900 a 1902 nela lecionou o Sr. José Hoenig, atualmente trabalhando como segundo redator do "Deutsches Volksblatt", de Porto Alegre. Atualmente a Escola é dirigida pelo Sr. Paulo Müser.

A Escola era frequentada por 50-60 meninos, enquanto que as meninas iam à Escola do Governo, cuja professora, Dona Luiza Müller, mandava as alunas, sempre que se o solicitasse, à doutrina. No entanto, ouvia-se de quando em vez que nesta Escola somente as crianças mais inteligentes aprendiam bem enquanto que as crianças pobres e, principalmente, as alemães, eram menos consideradas. Seja como fôr, na doutrina, os meninos superavam muito as meninas, quer em saber quer em capacidade de pensar. Sendo ainda desejo do sr. Bispo Diocesano que em toda parte se abrissem Escolas Paroquiais, foi aberta uma para meninas em 10 de julho de 1903, sob a direção de Irmã Oda. Serve de moradia para as Irmãs e para sala de aula a casa do Sr. Peiter, alugada por 30 mil réis mensais. Funcionando juntamente com a Escola do Governo, muitas crianças, especialmente as da Praça, cujos pais estão metidos na política, não compareceram. Durante o mês de julho 18 meninas frequentaram a nova Escola Paroquial, pouco a pouco aumentando o número. Quando o Professor Müser voltou para a Alemanha, em meados de setembro de 1903, não se achando outro professor, reuniram-se as duas Escolas Paroquiais numa só Escola Paroquial Mista, sob a direção da Irmã.

Quod Deus bene vertat!

20 DE SETEMBRO DE 1903

No decorrer das últimas semanas, reinando entre a população a gripe, o Hospital ficou a tal ponto lotado que foi necessário ocupar a antiga escola para internar as senhoras. Embora vivendo tempos difíceis, não nos têm faltado viveres, graças à liberalidade dos colonos. Tanto trazem que quase não precisamos pedir auxílio para Azambuja. O que nos falta é o dinheiro para construirmos uma parte nova, anexa às demais. Precisamos de uma nova cozinha, com dispensa, e uma sala maior para os doentes. Oxalá se realize o que a Igreja reza no dia de hoje, na liturgia de Nossa Senhora das Dores: "Lembraí-vos, ó Virgem Mãe de Deus, agora que estais na presença do Senhor, de interceder por nós".

3 DE NOVEMBRO DE 1903

Visitou-nos Vidal Ramos, o atual Governador, acompanhado por mais algumas pessoas. Visitou as duas capelas, os diversos edifícios, a Escola e todas as enfermarias. Achavam-se, na Instituição, 25 doentes e 12 crianças. O Senhor Governador mostrou-se satisfeito, proferiu palavras de reconhecimento e deu uma esmola como adjutório. A pergunta "por que o Governo, que paga anualmente 6 contos

de réis para os hospitais de Itajaí, Blumenau, Laguna e Joinville, não nos cedeu igual auxílio, embora lhe fosse dirigido um requerimento a tal propósito", não recebeu palavra nenhuma de sua parte. A Câmara Municipal, porém, resolveu pagar, brevemente, para o Hospital de Azambuja, uma subvenção anual de 600. mil réis.

NATAL DE 1903

Hoje foi colocado, pela primeira vez, em nossa Igreja, o novo Presépio, doação do Pe. Augusto Farwick, residente em Sassenburg, na Westfália. Em Casa fez-se uma festinha para os doentes, de maneira que todos tiveram um "feliz natal". No 2º dia de Natal, pela primeira vez, tivemos, com participação intensa, a "Adoração Perpétua", das 5,00 horas da manhã às 19,00 horas. Não faltaram adoradores durante todo o dia, embora tivéssemos organizado poucas horas para grupos determinados. Nossa intenção é introduzir a "Adoração de 13 horas" três vezes por ano: 2º dia de Natal, Páscoa e Pentecostes, deste modo alcançando a "Adoração de 40 horas".

Nos últimos meses o Hospital estava lotado por uns 25-28 doentes, pessoas idosas e, principalmente, alienados mentais. Embora às vezes fossem poucos os alimentos, entraram ofertas generosas. Realizaram-se algumas modificações nos edifícios. Assim, por exemplo, instalou-se na casa dos Colzani uma sala de aula mais espaçosa e arejada. No lugar da fonte construiu-se uma lavanderia e pretende-se construir instalações para banho. Espera-nos um trabalho maior e mais dispendioso: o concerto total do telhado da Igreja.

24 DE JANEIRO DE 1904

Hoje encontravam-se, no Hospital, 34 pessoas. É de se admirar que haja alimentação suficiente para tantos. Menos compreensível ainda é tantas pessoas acharem lugar nos poucos paíóis. Ao todo, o Estabelecimento conta com 50 pessoas.

FEVEREIRO DE 1904

Começou-se o concerto do telhado da Capela maior. Muitas foram as dádivas para este fim. Muita gente trabalhou de graça. A construção, porém, obrigou a despesas extraordinárias. Pela Páscoa o construtor A. Bruns terminou a renovação do telhado. Dos trabalhos de pedreiro e pintor encarregou-se o Sr. G. Facchini: da Páscoa até Pentecostes embelezou e pintou, interna e externamente, toda a Igreja. O Sr. W. Kormann ornamentou a fachada com duas flores artísticas.

26 DE MAIO DE 1904

A Festa da Padroeira celebrou-se na recém reformada Capela. A solenidade foi favorecida pelo bom tempo. Como nunca o número de peregrinos, acorridos do Norte e Sul do Estado. Muitos que costumavam viajar para Iguape agora vêm para Azambuja. Infelizmente os peregrinos não sabem que numa romaria agradável a Deus não deveria faltar a recepção dos Santos Sacramentos. Esforços extraordinários e convites dirigidos ao povo resultaram em que ao menos uns cem forasteiros se achegassem à Confissão. Felizmente, neste aperto

de gente, não houve desordens nem estorvos. De esmolas entraram dois contos, com o que se liquidou parte das dívidas existentes, restando a pagar uns dois contos.

18 DE JULHO DE 1904

Devido à falta de lugar, começou-se com a ampliação das instalações. A casa principal será aumentada de 14 metros de comprimento, tendo o Hospital, assim, 35 metros. Será que desta maneira obteremos uma enfermaria para os homens e mais dois quartos?!

15 DE AGOSTO DE 1904

Para a festa de Nossa Senhora da Glória estava quase terminada a parte de alvenaria. Os numerosos peregrinos alegraram-se com os progressos de Azambuja. Muito povo, apesar do mau tempo. Entraram, de esmolas, 663 mil réis, com as quais se pagaram as contas correntes, ficando a pagar parte das antigas dívidas.

24 DE OUTUBRO DE 1904

Sendo impossível pastorear suficientemente tão vasta Paróquia, esta foi entregue aos cuidados dos "Padres do Sagrado Coração de Jesus". Pe. Eising retirou-se para Blumenau e Rodeio, por enquanto para descansar. Eu fico ainda em Brusque para auxiliar. Neste meio tempo os trabalhos de Azambuja progredem visivelmente, embora ninguém saiba o que acontecerá para o futuro. Queira São Jose velar para que as condições com relação a Azambuja se regulem de modo satisfatório para o desenvolvimento do Estabelecimento e que sirvam para maior glória de Maria, sua Esposa.

10 DE DEZEMBRO DE 1904

Finalmente, com o consentimento do Revmo Sr. Bispo de Curitiba, D. Duarte Leopoldo e Silva e para alegria dos habitantes de Azambuja, pude fixar residência em Azambuja, com a condição, porém, de que ao Sr. Bispo ficaria reservada qualquer determinação definitiva. Quod Deus bene vertat!

Uma prestação de contas revelou que Azambuja, em 10 meses, tivera 5 contos de entrada e 7 de despesa. O déficit foi pago pelos Padres da Paróquia. Uma resolução: Azambuja terá administração própria. O Vigário de Brusque não terá mais obrigação para com Azambuja quanto à sua manutenção. O Administrador de Azambuja, porém, não terá obrigações ou direitos de Vigário, a não ser no que diz respeito ao Santuário ou Hospital.

25 DE DEZEMBRO DE 1904

Mais uma vez o Natal foi dia de intensa alegria para todo o Estabelecimento. As 3 e meia da madrugada houve "Glória" e depois Missa cantada, devoção com bênção. Intensa participação do povo. Pela tarde, atrás da árvore de Natal, uma surpresa. Alegria nunca antes experimentada pelos doentes idosos. Para a "Adoração de 14 horas" no 2º. dia de Natal, o povo acorreu em número inusitado. Chamou a atenção a boa frequência por parte dos brasileiros. Muitos deles tinham recebido os Santos Sacramentos. Azambuja parece ser de grande proveito para a cura de almas no meio dos brasileiros.

DOCUMENTOS

da administração Barão de Schneéburg, março de 1862

(Autografia original respeitada)

Directoria da Colonia Brusque 5 de Março de 1862
Exm^o. e Revm^o. Snr.

O Portador é o Snr. Mathias Wagner, que deseja muito fallar com V^a. Ex^a. sobre a indenificação de suas bemfeitorias, que nos terrenos do Governo ficárão pertencentes à esta Colonia, e sobre as quaes, avaliadas em Rs. 1:000\$000, que julgo valem, o Exm^o. Snr. Antecessor de V^o. Ex^a. teve a bondade de fazer lhe um adeantamento pela Thezouraria de Fazenda de Rs. 100\$000. V^a. Ex^a. ouvindo-o, fará o que intender e for de justiça.

Como já fiz ver a V^a. Ex^a., o Suppte. é pai de numerosa familia, quer comprar com o denheiro, que tem de receber da dita indemnificação, um lotte de terras n'esta Colonia, que já escolheo e lhe concedi à Ordem e consentimento de V^a. Ex^a., sem subsidios, e diz, por quanto necessitara e quizera, não pode estabelecer-se n'estas terras, sem que receba o resto d'este denheiro, com que só podia procurar-se os novos aranjos domesticos, de lavoura e casa para sua familia. Não obstante de eu ter feito ver ao Snr. Wagner que já o Antecessor de V^a. Ex^a. havia consultado com o Governo-Geral sobre esse caso excepcional e informado muito favoravelmente sobre esse pagamento que julgou de toda equidade, elle insiste a ir pessoalmente intender-se com V^o. Ex^a. para assim abreviar o seu estado de necessidade e penurias urgentes.

Deos Guarde a V^a. Ex^a.

Illm^o. e Exm^o. Sr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia de S. Catharina

O Director da Colonia Brusque
ass.: Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 18 de Março de 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Tenho a honra de devolver a V^o. Ex^a. o requerimento do Bernardo Josiger, que com data de 2 de Novembro de 1861 foi enviado á esta Directoria, para informar.

Tenho de levar respeituosamente ao conhecimento de V^o. Ex^a., que sobre a petição das Terras, que elle quer comprar, sendo situadas no Itajahy-assú, lugar chamado Belchior, julgo acertado de mandar ouvir o Director da Colonia Blumenau, em cuja vizinhança e no mes-

mo Rio Itajahy-Assú são situadas, não tendo eu conhecimento especial algum, sobre esta localidade.

Deos Guarde a V^a. Ex^o.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Digm^o. Presidente desta Provincia

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 19 de Março de 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Devolvendo os Requerimentos, de Belmiro de Amorim Serpa datado de 23 de Janeiro de 1861, e o de Theodoro Danckwardt de data 21 de Julho de 1861, ambos enviados por V^o. Ex^a. em 22 de Novembro do mesmo anno, à esta Directoria, para serem informados, e já com precedencia pelo 1^o. Supplente do Juiz Municipal da Villa e Termo de Itajahy o Snr. Jozé Francisco Alves Serpa com datas de 20 de Abril e 21 de Outubro 1861 informados, tenho a honra de levar ao conhecimento de V^a. Ex^o. o que sobre isto me consta, e o que respeitosa-mente refiro.

Pego primeiramente, que V^a. Ex^o. tenha a bondade de mandar buscar do Archivo da Presidencia o riscunho da mappa toscó, que no meu officio e informação de 10 de Outubro de 1861 sobre as Terras A requeridas por Manoel Coelho Gomes e Domingo Coelho Gomes, moradores em Tijucas grandes tive a honra de remetter a V^a. Ex^o., afim de que, com a compração do riscunho e do que passo a referir, V^a. Ex^a. possa ter mais visiveis esclarecimentos.

O petionario Theodoro Danckwardt, não Colono, occupa e cultiva a quasi 4 annos no lugar chamado Batêas um terreno, que se compoem das parcellas B e C do riscunho, que juntos tem uma frente de 400 Braças e por fundo mais ou menos 500 commecando na embocadura do ribeirão das Batêas no Rio Itajahy Merim por cima da parcella B. — Por baixo da mesma parcella B em distancia mais ou menos de 100 braças acha-se outro ribeirão que tambem desagua no Rio Itajahy Merim e que tambem se chama ribeirão dos Batêas, como se vê no riscunho.

Intre estes dois ribeirões de igual nome, esta edificada a Caza e varias plantações do petionario, desde a sua entrada nas ditas terras, e é por ignorancia, como elle diz, que ultrapassou com as ditas plantações e estrema por cima da parcella B, entrando nas terras do Estado devaluta, não passando esta ultrapasso em mais do que circa 50 a 60 braças em quadro.

A parcella C tem 300 braças por frente, que com as 100 braças de frente da parcella B formão 400 braças, que diz o requerimento ter a frente das terras, que o petionario declara ter comprado.

A circumstancia, que os 2 ribeirões tem iguall apellido: Batêas aproveita Theodor Danckwadt para pretender depois de que Belmiro de Amorim Serpa requereo a parcella D e que tambem mais ou me-

nos tem 100 braças de frente: que os 400 braças, que comprára de um particular, commecção do 2º. Ribeirão para baixo da Parcella B, e não do por cima do B, e que as terras, que comprou chegaram assim com suas 400 braças de frente até a estrema do Belmiro de Amorim Serpa incluindo a parcella D requerida por Belmiro.

Danckwardt diz de conhecer agora, que a parcella B fui por elle por ignorancia, cauzada pela falta de medição, sem direito occupada e usufructada e que por isto pede agora compral-a ao Estado, com preferencia aos outros, o que pede por ser antigo posseiro.

Não posso dizer se isto hé um jogo do peticionario, pois não apresenta seu requerimento documento algum, para poder colligir os limites da compra. — O que é claro, é que de todas as maneiras ou a parcella B ou a parcella D estão em terras pertencentes ao Estado.

É quanto tenho de informar a Vº. Exª. a respeito das 2 petições de Theodor Danckwardt, que tambem tem padaria e negocio na Colonia, e de Belmiro Amorim Serpa, que esta com Serraria de táboas, nas suas terras contiguas a parcella D por elle requerida.

Deos Guarde a Vª. Exª.

Exmº. e Revmº. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dmº. Presidente desta Provincia

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 20 de Março de 1862

Exmº. e Revmº. Snr.

A respeito dos trabalhos, pelo Desenhista Henrique Kreplin feitos, na Colonia Brusque à Ordem da Presidencia, tenho a honra de informar em resposta ao Officio de Vº. Exª., datado de 5 de Fevereiro próximo passado, que comparei a copia do mappa, que em original apresentou Kreplin a essa Presidencia, com seus serviços feitos.

As medições indicadas por Kreplin no ditto mappa concordão de fato com a realidade feita.

Por ter sido devolvido a Vª. Exª. a conta e requerimento do mesmo Desenhista pelo Snr. Director interino João André Cogoy Junior no seu officio de 23 de Janeiro de 1862, não posso pôr o meu visto sobre a dita conta, o qual possa talvez ser substituido por esta minha informação.

O Importe requerido por Kreplin naturalmente corresponderá com o preço determinado no Officio da Presidência de data de 30 de agosto de 1861 a esta Directoria.

Deos Guarde a Vª. Exª.

Exmº. e Revmº. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dmº. Presidente desta Provincia

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 20 de Março de 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Em obediencia á Ordem de V^a. Ex^o., tenho a honra de informar sobre o requerimento de João Pedro Werner alias João José Werner, pois, consta, que exista nenhum João Pedro Werner, como segue:

Pelos 3 documentos, que na sua petição sem data allega o Peticionario, que no mesmo requerimento é nominado João Pedro e assinou João José Werner, consta só: que pelo Exm^o. Snr. Presidente Brito foi com data de 20 de Fevereiro de 1847 o requerimento de João da Roza, que pedio a Mce. da conceição de Terras, de 400 braças de frente com os fundos competentes, deferido com o despacho; que o peticionario procedesse a medição das terras pedidas, e que depois voltasse, para se lhe passar o titulo: (que hé a parcella G na margem esquerda do Rio, como o riscunho junto mostra por indicação).

O outro documento que hé um requerimento do actual peticionario, em que tambem aparece com o nome de João Pedro Werner, obteve um despacho igual ao de cima com data de 20 de Abril de 1847. (A lettra F indica no mencionado riscunha, tambem no lado esquerda do Rio Itajahy-Merim, aonde actualmente reside).

O terceiro documento, feito por Manoel Werner, que pede a graça de 200 braças de frente com 500 de fundo, declarando estarem na margem do Sul (direita) do Rio Itajahy-Merim, nomeado Boa Vista, obtive por despacho do mesmo Exm^o. Snr. Presidente Brito, o deferimento de proceder a medição no lugar declarado das terras pedidas, em lugar de 200 braças de 100 de frente; e em lugar de 500 braças, 1000 de fundos. Estas terras pela posição do lugar declarada e requeridas e deferidas devião-se achar mais ou menos no lugar da lettra H na margem direita do Rio Itajahy-Merim.

O actual peticionario João Pedro Werner ou João José Werner declara no seu requerimento junto, ter comprado a João da Roza a sua requerida parcella G e à Manoel Werner a parcella E, ambas contiguas à parcella F que elle mesmo requireo em 1847 para si.

A parcella E de Manoel Werner, não pode pelo exposto estar no lugar dos Morretos e tão pouco, como julgo no lugar H, na Boa Vista na margem do Sul (direita do Rio) visto, que (como medizem) terem sido anteriormente concedidas estas Terras ao Snr. Trompowsky hoje já finado, e então negociante na Cidade de Desterro, para nellas formar uma Colonia.

Todavia o peticionario os declare contiguas as parcellas nomeadas no lade esquerda do Rio: elle tambem confunde no seu pedido: revalidação, legitimação com compra, que hé o que elle quer fazer, visto que não apresenta titulos da compra, que diz ter feito delles, nem da Siza paga e tão pouco João da Roza e Manoel Werner, podião legitimamente vender terras, pelos simples despachos de se medirem e depois voltassem, para receber titulos, que não apresentem nem as medições.

A parcella E julgo pois duvidosa na sua posição e talvez sejam terras devalutas, visto que o mesmo peticionario actual requer comprar o total destas 3 parcellas, como diz de 550 braças de frente conjunctas, quando as parcellas E, F. e G sommão 600 braças de frente.

Como porem o peticionaria pretende agora comprar estas Terras ao Estado, julgo, que não ha nade, que obste, à sua pretensão requerida, salvo cazo de attender ao requerimento de Desiderio Rodriguez da Conceição, que julgando as devalutas, tão bem requer a compra da mesma parcella E na sua petição de 2 de Fevereiro de 1861. A parcella E forma um triangulo com mais ou menos igual superficie concedido a Manoel Werner, para mandar medir e depois voltar buscar os titulos .

É quanto me consta e que tenho a honra de referir a este respeito a V^a. Ex^a. devolvendo junto todos os papeis concernentes às petições e João José Werner e de Desiderio Rodriguez da Conceição.

Deos Guarde a V^a. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente desta Provincia

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 20 de Março de 1862.

Exm^o. e Revm^o. Snr.

Tenho a honra de devolver a V^a. Ex^a. o requerimento de Roberto Esser, com informação, que as terras por elle pedidas estão distribuidas, ha mais de um anno, a Colonos por se acharem comprehendidas no Territorio da Colonia.

Deos Guarde a V^a. Ex^a.

Exm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente da Provincia de Sta. Catarina

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

Directoria da Colonia Brusque em 21 de Março de 1862.

Em^o. e Revm^o. Snr.

Tenho a honra de remetter a V^a. Ex^a. as contas juntas das Despezas feitas com esta Colonia desde 1^o. de Novembro de 1861 até ultimo de Fevereiro de 1862, a saber: de cada um dos respectivos mezes em separado.

Deos Guarde a V^a. Ex^a.

Exm^o. e Revm^o. Snr. Conselheiro Vicente Pires da Motta
Dm^o. Presidente desta Provincia

O Director da Colonia
Barão de Schneéburg

A continuidade desta Revista sómente
será possível com a ajuda de todos os
brusquenses.

Sexto número — Tiragem de

— 500 exemplares —

Colaboração financeira integral da

Comercial Auto Peças
TRIÂNGULO S. A.



Comercial Auto Peças Triângulo S.A.

Rua Gustavo Richard, 58 — Caixa Postal, 162

Telefones PABX - 55-0633 e 55-0223

88350 BRUSQUE — SANTA CATARINA

O seu Revendedor FORD

Veículos da linha FORD

Peças e acessórios em geral

PNEUS

Oficina Mecânica

Aparelhos eletrônicos para testes

POSTO DE SERVIÇO

